

Excursão sobre a Criação da Vida e a Diversidade Biológica (Parte 17): O Gênero da Mito-História

Seção 09 / Aula 17

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 19/07/2026, 12:00:06 (horário de São Paulo)

Aula original: June 19, 2019

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 09](#)

Transcrição conforme a legenda em português do vídeo. Revisão: 22/10/2026.

Retomada das genealogias e das longas idades

Da última vez, examinamos as genealogias em Gênesis 1–11 e vimos como elas servem para fornecer uma estrutura cronológica para as narrativas primevas, que as transformam em uma história primeva. Mas argumentei que, apesar do interesse pela história que essas genealogias evidenciam, não devemos forçá-las demais em sua interpretação literal. Vimos, por exemplo, que na genealogia do capítulo 10 — a chamada Tabela das Nações — apesar de palavras como “gerar”, “filho de” e assim por diante, essas não são, de fato, linhagens de descendência sanguínea, mas agrupam povos com base em geografia, etnia, considerações políticas e assim por diante, de modo que esta não é uma tabela genealógica literal. Além disso, vimos que a simetria artificial entre os ancestrais antediluvianos e pós-diluvianos sugere que isso é uma construção artificial organizada de modo a ter dez ancestrais antediluvianos de Adão a Noé e depois dez ancestrais pós-diluvianos de Sem a Abraão.

Por fim, argumentei que os períodos de vida anormalmente longos dos antediluvianos sugerem que eles não devem ser tomados literalmente, mas, seguindo o padrão dos reinados fantásticos dos antigos reis sumérios, têm algum outro propósito além de fornecer um relato histórico literal. Nesta última semana, estive em uma conferência na Trinity Evangelical Divinity School sobre o Projeto Criação, e tive a oportunidade de conversar com alguns estudiosos do Antigo Testamento sobre algumas dessas questões. Conversei longamente com John Collins, que é professor de Antigo Testamento no Covenant Seminary, em St. Louis, e também com Richard Averbeck, que é professor de Antigo Testamento e línguas antigas na Trinity. Perguntei a eles o que achavam desses longos períodos de vida dos antediluvianos. Collins me disse que ninguém sabe o que está acontecendo aqui. Todos estão convencidos de que há algo acontecendo aqui, mas ninguém consegue descobrir exatamente o que é. Averbeck sugeriu que talvez o objetivo de apresentar esses períodos de vida anormalmente longos fosse mostrar a imensa antiguidade das figuras envolvidas.

Seja nas genealogias de Gênesis ou nas listas de reis sumérios, os reinados ou períodos de vida anormalmente longos visavam indicar quão profundamente situados no passado pré-histórico eles estavam. Mas, de novo, isso era apenas uma sugestão. Ninguém sabe realmente com certeza qual é exatamente a razão desses longos períodos de vida antediluvianos. Argumentei que, embora essas genealogias de fato evidenciem um interesse histórico por parte do autor de Gênesis, precisamos ter cuidado para não forçá-las de modo rígido demais quanto à literalidade.

Jacobsen e o Gênesis de Eridu

Portanto, penso que Gênesis 1–11 pode ser entendido plausivelmente como mitos hebraicos com interesse pela história. O eminente assiriólogo Thorkild Jacobsen propôs que reconheçêssemos um gênero literário singular, que ele chamou de “mito-história”. Com base em três fragmentos de datas diferentes, Thorkild Jacobsen conseguiu reconstruir uma antiga história suméria. A Suméria era a civilização mesopotâmica anterior à Babilônia. Ele conseguiu reconstruir uma antiga história suméria que chamou de Gênesis de Eridu. Eridu era uma cidade suméria. O Gênesis de Eridu é uma história que trata da criação do homem, da instituição da realeza, da fundação das primeiras cidades e, depois, do Grande Dilúvio. Jacobsen pensa que Gênesis descreve, de modo semelhante, a criação do homem e dos animais, ele lista as principais figuras depois da criação e depois narra o Dilúvio. Suas reflexões sobre esse tipo de literatura merecem ser citadas extensamente. Ele diz: “Essas três partes...” Isto é, o relato da criação, o relato das listas de antediluvianos e depois o próprio Dilúvio.

“...Essas três partes, além disso, estão em ambas as tradições...” Isto é, tanto no Gênesis de Eridu, sumério, quanto no Gênesis hebraico. “...estão, em ambas as tradições, combinadas simplesmente ao serem organizadas ao longo de uma linha temporal e não segundo o recurso mais usual para conectar contos ou mitos separados: agrupá-los em torno de um único herói. No Gênesis de Eridu, além disso, a progressão é claramente lógica, de causa e efeito: o estado miserável do homem natural toca o coração maternal de Nintur [ela é um tipo de deusa-mãe da Suméria], que o leva a melhorar sua condição estabelecendo-se em cidades e construindo templos; e ela lhe dá um rei para liderar e organizar. Assim como essa cadeia de causa e efeito leva da natureza à civilização, também uma cadeia semelhante subsequente conduz das primeiras cidades e reis para a história do dilúvio. As obras de irrigação bem organizadas realizadas pelas cidades sob a liderança de seus reis levam a um grande aumento no suprimento de alimentos, e isso, por sua vez, faz o homem se multiplicar sobre a terra.

O volume de ruído que essas pessoas fazem impede Enlil de dormir e o leva a decidir obter paz e silêncio enviando o dilúvio [para extermínio da humanidade]. Ora, essa organização ao longo de uma linha temporal como causa e efeito é notável, pois é muito semelhante ao modo como um historiador organiza seus dados, e, visto que os dados aqui são mitológicos, podemos atribuir ambas as tradições a um gênero novo e distinto, como relatos mito-históricos.” Pode-se questionar seriamente se as condições identificadas por Jacobsen para que uma narrativa se qualifique como até mesmo quase histórica em natureza, a saber, que organize eventos causalmente conectados em ordem cronológica, são realmente suficientes para indicar um interesse histórico genuíno. Por esse critério, o mito Enuma Elish, que discutimos nesta classe, este é o mito da ascensão do deus Marduque a uma posição de supremacia no panteão babilônico, deveria, então, qualificar-se como mito-histórico, já que a história da conquista, por Marduque, da deusa dragão Tiamat certamente relata eventos no tempo ordenados cronologicamente e conectados causalmente.

Ele constrói o mundo — os céus e a Terra — a partir da carcaça da deusa dragão Tiamat, a quem ele matou — claramente um evento cronológico de causa e efeito. Mas seria absurdo pensar que o Enuma Elish é, portanto, algum tipo de relato quase histórico. Mas penso que é importante perceber que Jacobsen está falando de uma ordenação no tempo real, não meramente no tempo ficcional de um mito ou fábula. A segunda parte do Gênesis de Eridu é

modelada nas listas de reis sumérios, e Jacobsen atribui a inclusão dessa seção na narrativa ao “puro interesse histórico por parte do compositor”. Portanto, é esse interesse na cronologia genuína que distingue as histórias do mito puro. “Este interesse por números é muito curioso, pois é característico dos mitos e contos populares que eles não se preocupam com o tempo de modo algum. Não! — o interesse por números de anos pertence a outro lugar, ao estilo das crônicas e da historiografia. Na Mesopotâmia, nós o encontramos primeiro em listas de datas, listas de reinados e na Lista de Reis; mais tarde, nas Crônicas, mas encontrar esta forma de lista cronológica combinada, como está aqui, com uma narrativa mitológica simples é verdadeiramente único.

A atribuição do relato a um gênero mito-histórico fica, assim, ainda mais confirmada.”

Wenham e Arnold: proto-história e mito-história

Reconheço que classificar Gênesis 1–11 como mito-história é, sem dúvida, inquietante para muitos cristãos evangélicos. Mas os leigos evangélicos provavelmente ficariam surpresos com quão amplamente aceita é a classificação de Jacobsen de Gênesis 1–11 como mito-história entre estudiosos evangélicos do Antigo Testamento. O caso de Gordon Wenham, que é um comentarista do Antigo Testamento altamente respeitado, é instrutivo. Wenham é o autor do comentário Gênesis 1–15 na série Word Biblical Commentary. Sobre a classificação de Jacobsen de Gênesis 1–11 como mito-história, Wenham comenta: “Esta é uma análise sensível de ambos os textos.” Isto é, tanto do Gênesis de Eridu quanto do Gênesis bíblico. “Mas”, e aqui vem a ressalva, “mito é um termo carregado que leva a mal-entendidos. É por isso que prefiro proto-história.” Portanto, em vez de mito-história, Gênesis 1–11 é proto-história. O que é isso? Wenham diz: “É proto no sentido de que descreve origens e estabelece modelos de Deus e de seus tratos com a raça humana. É histórica no sentido de que descreve realidades passadas e as lições que devem ser extraídas delas.” Esta é uma distinção sem diferença.

A caracterização de Wenham da proto-história descreve apropriadamente a mito-história. Wenham diz: “A estrutura genealógica do capítulo 4, bem como a fórmula introdutória” — no capítulo 2 e versículo 4, ali ele está se referindo a essa fórmula, toledoth em hebraico, “estas são as gerações de”, que então terá um relato genealógico — “mostra que o editor considera seu relato proto-histórico: como descrevendo indivíduos reais do passado primevo cujas ações são significativas para toda a humanidade.” As narrativas colocam verdades teológicas profundas “em forma vívida e memorável, em uma história absorvente, embora altamente simbólica.” Se tomarmos essas histórias como história direta, adverte Wenham, “talvez sejamos forçados a concluir que Gênesis está tentando relatar história, mas não está conseguindo, o que seria uma conclusão bastante negativa.” É por isso que Wenham prefere proto-história. É evidente, penso eu, que não há diferença material entre proto-história e mito-história. Wenham simplesmente se recusa a usar a palavra “mito” por causa das conotações que a palavra tem no uso popular.

Em contraste, Bill Arnold é um estudioso evangélico do Antigo Testamento no Asbury Seminary, em Wilmore, Kentucky. Arnold tem mais ousadia do que Wenham. Ele opina: “Esses capítulos não são simples história nem exemplo de historiografia antiga. No máximo, podemos dizer que temas míticos foram organizados em uma progressão linear, que avança, naquilo que pode ser considerado uma forma literária historicizante, usando genealogias, especialmente, para fazer

história a partir do mito. Não que o mito tenha se perdido; antes, o mito é combinado com a história." Consequentemente, Arnold acredita que a nomenclatura de Jacobsen deve ser adotada: "A História Primeva (Gn 1–11) aborda as origens do universo, a criação da humanidade e as primeiras instituições da civilização humana. Mantemos o termo "história" no título desta primeira unidade da Bíblia — a História Primeva — porque, por um lado, ela organiza temas ao longo de um contínuo temporal usando causa e efeito e geralmente usa a narrativa histórica como meio literário de comunicação. Por outro lado, esses temas em si são os mesmos explorados em outros lugares do antigo Oriente Próximo na literatura mitológica.

A História Primeva narra esses temas de um modo que transforma seu significado e importância, e, por essas razões, podemos pensar nesses capítulos como uma categoria literária única, que alguns chamaram de 'mito-histórica'." Embora Wenham esteja sem dúvida correto ao dizer que a classificação de Gênesis 1–11 como mito-história está sujeita a mal-entendidos, não penso que nós, que somos estudiosos, devamos retornar a eufemismos vagos como "proto-história", que tendem a ocultar, em vez de revelar, o caráter literário de Gênesis 1–11. Penso que simplesmente precisamos ter o cuidado de explicar nosso significado aos leigos da maneira como tentei fazer nesta aula ao longo dos últimos vários meses. Alguma pergunta ou comentário, então, sobre essa classificação do gênero de Gênesis 1 a 11?

Perguntas sobre mito, história e interpretação

Aluno: Quero voltar à definição de "mito". Simplesmente não deveríamos acreditar em Gênesis 1–15 porque é tudo inventado? Dr. Craig: Não. Você destaca um bom ponto. "Mito" — não o estamos usando aqui no sentido popular, como uma falsidade. Estamos usando no sentido em que os folcloristas o usam. Vocês se lembram de que, lá atrás, quando começamos este estudo, vimos que os folcloristas distinguem três tipos de folclore: mito, contos populares e lendas. As qualidades distintivas dos mitos como tipo literário são que eles procuram fundamentar realidades presentes que são determinantes para uma sociedade ou cultura em eventos primordiais no passado distante. Assim, eles tratarão de grandes temas como a origem do mundo, a origem da humanidade, o Dilúvio e assim por diante. Esse é o sentido em que estamos usando este termo, e ele é neutro com respeito à verdade. Aluno: Podemos acreditar nos temas, ou simplesmente desacreditamos dos números e das idades? Que parte de Gênesis 1–15 eu ...? Dr. Craig: Essa é a pergunta de um milhão de dólares. Vou tratar disso na próxima semana.

Aluno: Parece que o esforço para sintetizar isso com outras lendas da época é de onde vem essa ideia de tentar des-historicizar esses versículos. Mas eu sustentaria que, se isso fosse história verdadeira, como Gênesis 1–11, no que eu acreditaria, então em versões falsas disso nas comunidades não crentes e assim por diante, as pessoas teriam desenvolvido esses outros tipos de histórias que têm semelhanças, mas são exageros ou folclore. Elas introduziriam outras coisas nas histórias. Você tem a mesma coisa com o Novo Testamento. Você tem todo tipo de literatura que não foi incluída no cânon e que é muito espúria. Algumas são boas, como a Didaquê, que não foi incluída no cânon, mas depois você tem coisas muito bizarras — histórias de Jesus matando pessoas quando jovem, ou ficando ofendido, ou fazendo coisas estranhas. Todos esses tipos. Há muitos pseudepígrafos diferentes por aí que não foram incluídos no cânon. Então, não penso que se possa dizer: quero categorizar a Escritura de determinada

maneira porque há outras comunidades e comunidades descrentes que estabeleceram ideias diferentes e que nós, de algum modo, precisamos sintetizar estas coisas. Dr. Craig: Está bem.

Permitam-me voltar às lições que dedicamos à natureza de Gênesis 1–11, nas quais assinala, creio que apelando a Wenham, que os primeiros onze capítulos de Gênesis são muito, muito diferentes do capítulo 12 até o fim do livro. Os primeiros onze capítulos têm semelhanças estreitas com os temas e a literatura da antiga mitologia mesopotâmica, ao passo que, a partir do chamado de Abraão, não há esse tipo de semelhanças. Portanto, o argumento é que, quando se lê Gênesis 1–11 em seu contexto histórico, há, penso eu, algumas marcas que sugerem que não estamos lidando aqui com história direta. Uma seria os temas comuns tratados na mitologia antiga e em Gênesis. A segunda seria este interesse, lembrem-se, em etiologia. Etiologia é a tentativa de fundamentar realidades presentes no passado primordial. Com algum detalhe, tentei mostrar que isso também caracteriza Gênesis 1–11. Com base nesses fundamentos, penso que estamos em uma base bastante boa ao dizer que ele tem o interesse dos folcloristas pelo mito, o que levaria alguém a classificá-los como mitos no sentido folclorista, embora as genealogias então mostrem definitivamente também um interesse pela história.

Quando se trata dos Evangelhos, penso que a comparação relevante não são os Evangelhos apócrifos posteriores que conhecem os Evangelhos canônicos bíblicos e então tentam importar para eles mitologia ou filosofia gnóstica. Seria saber se os Evangelhos podem ou não ser explicados com base em literatura anterior, por exemplo, os mitos da Grécia e de Roma, que eram contemporâneos dos Evangelhos. Aqui sou muito grato pelo trabalho dos estudiosos do Novo Testamento que conseguiram mostrar que essa hipótese é falsa. O mesmo tipo de hipótese que de fato parece ser verdadeira a respeito de Gênesis 1–11 foi tentado no fim dos anos 1800 para os Evangelhos. Você ainda encontra isso na internet: que os relatos da vida de Jesus se baseiam na mitologia greco-romana ou egípcia e, portanto, Jesus é uma figura mitológica ou é influenciado pelo mito. Isso foi desmantelado pela erudição do Novo Testamento do século 20 e agora do século 21, que estabeleceu que os supostos paralelos entre os Evangelhos e a mitologia são, em primeiro lugar, espúrios, são falsos, e, em segundo lugar, não há conexão causal entre esses mitos e os Evangelhos.

Pelo contrário, estudiosos como Richard Burridge mudaram o rumo da erudição do Novo Testamento ao convencer os estudiosos do Jesus histórico de que o gênero dos Evangelhos é o da biografia antiga, como As Vidas de Gregos e Romanos Famosos, de Plutarco. Essas biografias antigas definitivamente têm um interesse histórico. Portanto, não devemos pensar que, porque Gênesis 1–11 de fato se assemelha, em sua etiologia e seus grandes temas, aos mitos do antigo Oriente Próximo, isso também é verdade dos Evangelhos. Porque não é verdade; é falso. Quando se está lidando com os Evangelhos, está-se lidando com um gênero histórico. Aluno: Estou me perguntando se você encontrou em algum dos comentários que leu sobre este assunto alguma evidência interna dentro do restante da Escritura de que eles poderiam ter se referido àqueles primeiros capítulos de Gênesis como esse tipo de mito-história. Dr. Craig: Concentrei toda a minha atenção ao longo do último ano nesses onze capítulos. Meu próximo passo será começar a examinar o que se chama de referências intertextuais. Certamente tanto Jesus quanto Paulo se referem a Adão e Eva, e há outras referências do Novo Testamento a Noé e ao Dilúvio.

Essas precisam ser tratadas em seguida, mas ainda não fiz isso. Aluno: Só para acrescentar a isso, sinto que estamos abordando os primeiros capítulos de Gênesis como se os lêssemos como mito, mas, de algum modo, tivéssemos de prová-los como história. Pergunto-me se há uma maneira de olhar para isso do outro lado, em que... Acho que o que estou me perguntando é: os autores do Antigo Testamento simplesmente nem teriam pensado duas vezes sobre como representariam aquelas primeiras histórias na Escritura? Eles estavam, de fato, pensando: vamos fazer isso nesse tipo de sentido artístico de usar as genealogias e esses números redondos, ou eles simplesmente teriam pensado: é assim que fazemos história? Dr. Craig: Obviamente, essas classificações de gênero são categorias modernas. Certo? São categorias do folclore moderno, da literatura moderna e assim por diante, não categorias nas quais os autores originais estariam pensando. Então penso que a pergunta relevante ali é: eles pretendiam que suas narrativas fossem lidas de uma maneira meio literal?

Eu já argumentei, quando examinamos Gênesis 1, que penso haver indicações no próprio texto de que eles não pretendiam que ele fosse lido de modo literal. Falaremos mais sobre isso, como eu disse, na próxima semana. Aluno: Eu só queria dizer que você é tão brilhante que respondeu à pergunta antes de eu fazê-la! [risos] Eu ia perguntar sobre a referência de Cristo a Adão e Eva, Noé e assim por diante, e como isso poderia ser entendido — esta abordagem. Você disse que iria examinar isso mais a fundo. Então senti que você respondeu. Dr. Craig: Bem, eu não respondi; esquivei-me de responder. [risos] Aluno: A outra coisa é: estou supondo que o que foi escrito em Gênesis 1–11, antes de ser escrito, era uma compilação de uma espécie de tradição oral, ou que foi compilado na redação da Escritura. Dr. Craig: Sem dúvida. Aluno: Então poderia ser mais o modo como as pessoas daquela época comunicavam sua compreensão ou aquilo que sentiam ter sido revelado a elas sobre sua linhagem e suas origens. Dr. Craig: Certo.

Aluno: E isso poderia afetar como nossa visão moderna desse tipo de expressão parece estranha, ou no sentido de não ser necessariamente uma reflexão histórica sobre tudo o que eles sabiam. Mas eram os seus tratamentos do assunto. Isso está mais ou menos correto? Dr. Craig: Sim, penso que está certo. Queremos tentar entrar no horizonte deles, por assim dizer, e nos colocar no lugar deles. Esse é o perigo de que falamos antes — o concordismo — quando se tenta ler a ciência moderna na narrativa e dizer: “Ahá! Isto é o Big Bang!” Aluno: Como se eles soubessem disso e estivessem tentando nos dar pistas. Dr. Craig: Sim, certo, ou que Deus o tenha escondido nas entrelinhas. Queremos tentar evitar esse tipo de hermenêutica colocando-nos no lugar deles e vendo como eles o teriam entendido.

Aluno: Um exemplo talvez do que o senhor está falando, de como uma sociedade se fundamenta em eventos primordiais seria talvez aqui em nossa sociedade valorizarmos a honestidade e a força, então tomamos George Washington, que é um personagem histórico, e depois criamos aquilo que, pelo que sempre ouvi, é um mito: ele corta a cerejeira de seu pai, e então seu pai diz: Foi você que fez isso?, e ele diz: Não posso contar uma mentira? Ou há também um mito de que ele lançou uma moeda de prata atravessando o rio Potomac para ilustrar força. Esses são exemplos do tipo de coisa de que o senhor está falando? Dr. Craig: Sim. Ou talvez lendas. Mas essa é a ideia. Certo, tentaríamos fundamentar nossas crenças presentes em honestidade e retidão nesse evento do passado. Mas penso que a única coisa ali é que ele não é realmente primordial. Não é pré-histórico. Está dentro de um passado relativamente recente, e assim isso talvez fosse melhor descrito por um folclorista como uma

lenda, em vez de um mito. Aluno: Estou preocupado, digamos, por razões apologéticas, com o uso desta palavra “mito-história”.

É concebível ver, digamos, coisas que seriam mais acho que baseadas no naturalismo ou em visões naturalistas, digamos, das genealogias? Percebi que você mencionou que a justificativa para ter o nome “história” no final eram as genealogias. Mas entre algumas das genealogias há certos milagres que podem ser mencionados aqui. Dr. Craig: Você está falando do Antigo Testamento? Aluno: Do Antigo Testamento; não necessariamente de Gênesis, mas do Antigo Testamento como um todo. É concebível que esses milagres que ocorrem possam realmente ser historicamente 100 por cento precisos, mas que as próprias genealogias possam ser mitológicas? A razão pela qual pergunto não é tanto por... porque parece que o nome “mito” se aplica apenas às coisas que são sobrenaturais, e “histórico” se aplica apenas aos aspectos naturais disso. Dr. Craig: Não, não, eu não gostaria de dizer isso. Eu diria que a parte “mito” se aplica principalmente às histórias — às narrativas. E então as genealogias servem para ordenar essas coisas historicamente, e penso que mostram que elas são tomadas como sendo sobre pessoas reais e coisas reais que aconteceram.

Embora até mesmo as genealogias, como vimos, ou como argumentei, de qualquer forma, não possam ser forçadas a uma espécie de literalidade rígida.

Síntese e oração

Permitam-me concluir resumindo. Em suma, os temas compartilhados e o interesse em etiologia de Gênesis 1–11 e dos mitos do antigo Oriente Próximo levam-nos a pensar na história primeva como composta de mitos monoteístas hebraicos cujo propósito principal é fundamentar realidades presentes ao autor do Pentateuco e importantes para a sociedade israelita no passado primordial. Ao mesmo tempo, o entrelaçamento das narrativas primevas com genealogias que terminam em pessoas reais evidencia um interesse histórico por parte do autor em pessoas que um dia viveram e agiram. Assim, parece-me que a classificação de Gênesis 1–11 como mito-história é uma análise de gênero plausível. Ora, se Gênesis 1–11 pertence ao gênero da mito-história, então surge a pergunta: a história primeva deve ser entendida como literalmente verdadeira? Essa é a pergunta que abordaremos na próxima semana. Vamos finalizar com uma oração. Pai, obrigado pelo estímulo e pela interação sobre esse tema. Oramos para que o Senhor nos ajude na semana vindoura, para vivermos vidas que agradem e honrem ao Senhor, cheios do Espírito e com o caráter de Cristo, e frutíferos por meio do Espírito Santo. Por Cristo, nosso Senhor, oramos.

Amém.

Referências

Thorkild Jacobsen, *The Eridu Genesis* [1981], em *I Studied Inscriptions from before the Flood: Ancient Near Eastern, Literary, and Linguistic Approaches to Genesis 1-11*, ed. Richard S. Hess e David Toshio Tsumura (Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 1994), p. 140, conforme nota 1 da fonte oficial.

Gordon J. Wenham, “Genesis 1-11 as Proto-history”, p. 87 e 117; Genesis 1-15, p. 54-55; “Response to James K. Hoffmeier”, p. 62.

Bill T. Arnold, *The Genesis Narratives*, em *Ancient Israel's History: An Introduction to Issues and Sources*, ed. Bill T. Arnold e Richard S. Hess (Grand Rapids: Baker, 2014), p. 31, conforme nota 6 da fonte oficial.

Richard Burridge e Plutarco são mencionados na discussão do gênero dos Evangelhos; a aula não fornece dados bibliográficos completos para essas alusões.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2019 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 22/10/2026.

Fonte original: <https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/excursus-on-creation-of-life-and-biological-diversity/excursus-on-creation-of-life-and-biological-diversity-part-17/>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-criacao-vida-diversidade-biologica-parte-17/>